

Quem diria, paternalismo já uniu os rivais de hoje

LUIZ ADOLFO PINHEIRO

Parece que foi ontem. Era o dia 24 de fevereiro de 1981 e o apartamento do deputado Pacheco Chaves serviu de cenário a um encontro incomum — e que hoje também seria incomum, reunindo os dois maiores rivais desta fase de apurações. Ali estavam os presidentes dos três partidos de oposição ao governo Figueiredo: deputado Ulysses Guimarães, do PMDB, senador Tancredo Neves, do PP e ex-governador Leonel Brizola, do PDT. Eles se reuniam para receber a visita do dirigente metalúrgico do ABC paulista, Luiz Inácio da Silva, o Lula, a quem prestariam solidariedade por sua destituição da presidência do sindicato da classe e seu enquadramento na Lei de Segurança Nacional.

Não foi preciso muito tempo para chegarem a um acordo. Todos os três presidentes manifestaram sua ampla solidariedade a Lula que despontara dois anos antes para o cenário político nacional, com as greves dos metalúrgicos do ABC. E que, naquele momento, empenhava-se em organizar um novo partido — o Partido dos Trabalhadores — que era considerado por Ulysses, Tancredo e Brizola, na época, como um sonho de verão, espécie de mini-PTB paulista.

Ao final da reunião, foi aprovada uma

nota em tom amigável mas meio paternalista, que exprimia solidariedade “a Luiz Inácio da Silva, o Lula e seus companheiros de lutas sindicais em face da violência a que estão expostos em decorrência do processo que lhes é movido por infração da Lei de Segurança Nacional por haverem assumido a defesa dos trabalhadores, quando dos últimos acontecimentos no ABC em São Paulo”.

Redigida a nota, os gentis senhores Tancredo Neves, Ulysses Guimarães e Leonel Brizola apertaram as mãos de Lula, deram-lhe um tapinha nas costas e voltaram a tratar de suas “coisas sérias”, que eram mais importantes naquele momento que a figura do barbudo metalúrgico e de seu visionário PT.

Naquele dia, nenhum dos dirigentes dos três partidos de oposição podia deixar de dar apoio e solidariedade a Lula e certamente o fizeram de boa-fé. Mas nem Tancredo, nem Ulysses e muito menos Brizola poderiam nem de longe antever que, quase dez anos depois, o barbudo e seu improvável PT estariam no segundo turno das eleições presidenciais, derrotando Ulysses, Brizola e a herança política de Tancredo Neves — a sua Nova República, chefiada por José Sarney. A foto histórica desse encontro jamais poderia ser repetida.